

A Propósito de um Desabafo...

Andávamos às compras quando ouvimos um olá meninos inconfundível e alegre. Bastou virar o pescoço e reconhecê-la para que a conversa começasse a jorrar franca e expedita. Era sábado, estávamos num supermercado, e, nestas circunstâncias, não foi tanto a notícia da sua reforma que nos incomodou, mas a razão por ela invocada para justificar uma decisão que, muito provavelmente, poderia ter sido adiada por mais alguns anos. Estou farta de canalha, ouvimo-la dizer num tom que aparentando indiferença não era capaz, contudo, de disfarçar a resignação e o desencanto.

Não era a primeira vez que escutávamos desabafo idênticos àquele, paradoxais, abusivos, redutores, quanto ao modo como se escolhem e se proferem as palavras através das quais todos os desabafo acontecem. Não sendo capaz, nem sequer pretendendo dar conta da natureza do cansaço e da desilusão quotidiana de quem os profere, os desabafo dão-nos, apesar de tudo, o valor da grandeza desse cansaço e das desilusões que os justificam. O que nos espevitou os sentidos e, posteriormente, a conversa não foi, contudo, o desabafo em si, mas o facto dos alunos serem eleitos, por aquela professora, como a causa do seu mais que visível cansaço profissional.

Decerto que o trabalho com crianças é exigente e desgastante. Só quem já viveu as solicitações diárias, ano após ano, de uma sala de aula pode avaliar o grau de exigência e de desgaste a que um professor está sujeito. Alguns estudos têm mesmo vindo a comprovar que o mal-estar docente é comparativamente superior ao de qualquer outra profissão. Será, contudo, rigoroso e justo atribuir esse mal estar apenas às vicissitudes da relação que os professores mantêm com os alunos, conforme o desabafo da nossa amiga sugeria?

Poderá qualquer um de nós resumir a sua vida profissional apenas aos momentos em que se sentiu incapaz de lidar com os problemas de aprendizagem, os problemas comportamentais e os problemas pessoais dos seus alunos?

Não cremos. Há nas nossas vidas algumas Anas, alguns Tiagos e Manuéis, algumas Sofias que um dia nos fizeram sentir felizes e úteis. Houve, com certeza, dias profissionais magníficos que iluminaram, algures, a nossa existência. Numa certa tarde, alguém se nos dirigiu, cumprimentou e falou do prazer que era rever-nos ao fim de tantos anos, possibilitando que descobríssemos, se calhar, só nesse momento como o nosso inesperado interlocutor reconhecia publicamente a importância que tínhamos assumido na sua vida, enquanto seus ex-professores.

Não existirão outras razões que contribuem para explicar esse mal-estar que, embora não mate, nos mói, por vezes, até ao tutano da alma?

Certamente que existem. As agruras da nossa vida pessoal, as precárias condições de trabalho com que alguns de nós se debatem, o não-reconhecimento público e social da actividade que desempenhamos, as expectativas desmesuradas que se abatem sobre a educação escolar em geral, e sobre os professores em particular, resultante do equívoco que constitui a pedagogização de problemas de natureza social podem ter sobre todos nós um efeito devastador. É então, face à sensação de impotência que nos paralisa, que não somos capazes de vislumbrar como a falta de solidariedade profissional, alimentada pela pobreza das relações de trabalho que mantemos com os colegas, não permite que nos libertemos da solidão triste em que nos encerramos, tornando-nos mais vulneráveis aos problemas com que nos defrontamos.

Afinal estamos fartos de quem e de quê?

Não tenhamos ilusões. É importante que continuemos a confrontar os Ministérios da Educação com as suas responsabilidades políticas no âmbito da gestão de um sistema educativo cada vez mais complexo e sujeito a finalidades com um maior grau de exigência. É importante que se reivindique, também, uma maior qualidade e pertinência dos projectos de formação inicial e contínua de professores e educadores, do mesmo que é prioritário exigir melhores condições de trabalho, capazes de contribuir para a construção de respostas educacionais pertinentes e adequadas às necessidades e exigências da vida contemporânea em sociedades que se designam como democráticas. É importante, ainda, o desenvolvimento de acções tendentes a dignificar o estatuto da carreira docente. Apesar disso, não tenhamos ilusões, os problemas continuarão a existir, embora nós estejamos, certamente, mais capazes e mais disponíveis para os resolver, ou pelo menos para os enfrentar. Contudo, nunca resolveremos esses problemas, nem sequer os enfrentaremos, se não formos capazes de encontrar outros sentidos para a vida colectiva no seio das escolas; se não formos capazes de encontrar outros significados para a partilha e a reflexão entre professores; se não formos capazes de encontrar outras formas de organização e de liderança que permitam sustentar e legitimar a construção de colectivos docentes preocupados e interessados em pensar os problemas, os desejos, os recursos, as respostas e os projectos a desenvolver em cada uma das escolas deste país; se, em suma, não formos capazes de construir uma outra cultura profissional que nos reabilite perante nós próprios e permita que nos afirmemos perante os outros.

Ariana Cosme/Rui Trindade

Faculdade Psicologia Ciências da Educação/Univ. Porto